

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**Trabalho de Conclusão de Curso - Especialização em Teoria Psicanalítica**

**MASOQUISMO SEM ESCALAS:  
UMA ANÁLISE DE "AMOR SEM ESCALAS" DE WALTER KIRN**

**NATACHA GALANTE BRAZ**

**BELO HORIZONTE**

**2010**

**Natacha Galante Braz**

**MASOQUISMO SEM ESCALAS:  
UMA ANÁLISE DE "AMOR SEM ESCALAS" DE WALTER KIRN**

←

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em Teoria Psicanalítica - CETEP, da Universidade Federal de Minas Gerais.

←

Orientador: Fábio Roberto Rodrigues  
Belo

Belo Horizonte

2010  
SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	04
2 DIFERENÇAS ENTRE A OBRA LITERÁRIA E A OBRA CINEMATOGRAFICA...	05
3 REFLEXOS DO PODER PASTORAL NO CAPITALISMO.....	06
4 MASOQUISMO, CULPA E CAPITALISMO.....	09
5 CONCLUSÃO.....	15
REFERÊNCIAS.....	17

## 1. INTRODUÇÃO

No romance *Amor Sem Escalas*, Walter Kirn retrata questões que relacionam-se com solidão, medo do desemprego, superficialidade dos laços afetivos, desamparo, fuga e adaptação do ser humano dentro de uma sociedade que valoriza mais o dinheiro e o poder do que a própria vida humana. Tudo isso se relaciona, de diversas maneiras, com o masoquismo e a culpa. Desejamos abordar algumas dessas relações ao longo do trabalho.

Resumidamente, a história retrata a vida de Ryan Bingham, um executivo bem sucedido que viaja constantemente ao redor do mundo para executar a tarefa de despedir funcionários de empresas afetadas pela crise norte-americana. Trata-se de um personagem que passa a maior parte da vida viajando de avião em função de seu emprego; apesar de desprezá-lo, são as milhas aéreas acumuladas através desse trabalho que proporcionarão o cumprimento de uma meta pessoal: acumular um milhão de milhas aéreas. Ryan é parte da nova frota de "robôs soldados" da aviação comercial; viaja com seus apetrechos tecnológicos de última geração, com roupas que não amarrotam, com pouca bagagem e aparentemente não depende de ninguém. Sua relação com as mulheres é precária, assim como seu entrosamento familiar.

Ao iniciarmos nossos comentários apontaremos primeiramente para as notáveis diferenças apresentadas na obra literária e na obra cinematográfica<sup>1</sup>. Em seguida, elucidaremos, através da óptica do conceito de poder pastoral - proposto por Foucault - as relações de poder observadas no contexto neoliberal para logo após relacionarmos o tema do masoquismo e culpa na trama. Por fim, teceremos nossas considerações finais na conclusão do trabalho.

## 2. DIFERENÇAS ENTRE A OBRA LITERÁRIA E A OBRA CINEMATOGRAFICA

---

<sup>1</sup> Filme dirigido por Jason Reitman, em 2009.

←

Por muitos anos, a mensagem foi sempre a mesma. É crescer ou morrer. Mas será que isso é necessariamente verdade? Muitas vezes, crescer só por crescer leva ao caos: uma expansão insustentável de capital, aquisições mal planejadas, um ambiente de trabalho estressante. Com *A garagem*, proponho uma fórmula nova e ousada para substituir a mera busca do lucro: "Plenitude Suficiente". Isso quer dizer que o bastante realmente pode ser o bastante. Será uma heresia? Não para os que estudam o corpo humano, que sabem que uma saúde excelente não é alcançada por um consumo e uma atividade cada vez maiores, mas funcionando dentro de certos parâmetros de dieta e de exercício, trabalho e lazer. E assim também deve ser a empresa, cujo objetivo maior não deve ser números cada vez maiores, mas a criação e a gestão da abundância.<sup>2</sup>

Ao assistirmos a obra cinematográfica, somos compelidos em um primeiro momento, a concluir que o filme nos demonstra algumas coisas que não possuem solução: são da forma como se apresentam e pronto. Destoa portanto, da maioria dos finais felizes que impregnam a indústria cinematográfica hollywoodiana. Apesar deste fato, um olhar mais apurado - com subsídios da obra literária - revela outro contexto. O filme tenta suavizar em diversos momentos os pontos mais ácidos do livro.

Percebemos na produção do cinema, a constante tentativa de amenização do masoquismo de Ryan. Ele não sucumbe à drogadição como mostra o livro e também não escreve a obra *A Garagem*. A omissão de eventos tão significativos é no mínimo curiosa, pois são justamente elementos como esses que demonstram nitidamente o desconforto do personagem com sua forma de vida.

O filme mostra um sujeito satisfeito com sua forma de vida, um verdadeiro *des-afetado*. Em contrapartida, a obra literária comprova a marcante existência de afetos que circulam e transbordam dentro do personagem. Além disso, no filme, Alex apresenta-se de ma-

---

2 Prefácio de *A garagem* - livro idealizado por Ryan - no livro *Amor Sem Escalas* (Kirn, 2010, p. 89).

neira extremamente independente como um contraponto a Bingham. No livro, ela é simplesmente uma mulher como qualquer outra.

Essas comparações nos questionam quanto a verdadeira intenção do filme: ser uma nova fonte de discussão crítica ou ser mais uma adaptação produzida pelo mercado? Vemos a adequação da obra transformada em mais um produto vendável através de uma "máscara cult". Neste ambiente, até mesmo a sensação proporcionada por um pensamento crítico e menos alienante parece apresentar-se frágil dentro da manipulação de informações contidas no "jogo do mercado" moderno.

### 3. REFLEXOS DO PODER PASTORAL NO CAPITALISMO

←

As decisões que tomamos... Não tenho muita certeza se somos nós mesmos que tomamos. Acho que alguém decifrou como funcionamos<sup>3</sup>.

←

←

Para a Psicanálise, as relações estabelecidas com o ambiente social influenciam diretamente o desenvolvimento subjetivo das pessoas. Através dessa premissa, o neoliberalismo - cenário onde desenrola-se a trama *Up in the Air*<sup>4</sup> - pode ser visto como um lugar propício para que se produza uma "subjetividade específica" onde os indivíduos são construídos como sujeitos de "capital humano". Essa subjetividade é alvo de uma série de jogos de poder que são regulados, segundo Foucault, por mecanismos disciplinares e por dispositivos de segurança (Foucault, 2008).

Foucault reconhece a influência da religião como um dos componentes fundamentais para compreensão das estruturas e procedimentos disciplinares no mundo moderno, principalmente na área do trabalho. Os valores do protestantismo impactaram significativamente a

---

<sup>3</sup> Diálogo de Ryan no livro *Amor Sem Escalas* (Kirn, 2010, p. 38).

<sup>4</sup> Título original do livro e do filme.

forma capitalista de produção, pois a maneira de conseguir a salvação foi direcionada para o trabalho, que deixou de ser uma necessidade enfadonha para ser visto como uma ação positiva na preservação da alma e na glória de Deus. Enquanto a *ética protestante*<sup>5</sup> retratava o trabalho como sendo um serviço de Deus, o discurso atual o representa como uma atividade para conquista do desenvolvimento pessoal. A compreensão da influência religiosa sobre o trabalho baseia-se no *poder pastoral*, originado a partir da metáfora cristã do pastor, cuja principal função era a de "juntar em um rebanho" os indivíduos dispersos, para através desse cuidado, assegurar-lhes a salvação (Foucault, 2008).

O poder pastoral pode ser visto como uma tecnologia de poder totalizadora (já que preza pelo bem-estar coletivo) e também como individualizante (já que cuida de cada indivíduo de maneira particular ao longo de sua vida). Dentro do exercício do poder subentende-se um tipo específico de conhecimento entre o pastor e seu rebanho - baseado no entendimento das necessidades materiais do indivíduos, das suas ações públicas e dos seus pecados mais secretos. Esse saber será produzido através de técnicas de exames, confissão, orientação, correção, etc e terá como objetivo final a salvação (Foucault, 2008).

Levantamos a hipótese de que algo das tecnologias oriundas do poder pastoral se mostram em *Amor Sem Escalas*. A ética social permitirá aos empregadores o exercício do poder pastoral sobre seus empregados por meio de tecnologias disciplinares que enfocam o controle científico da alma, valendo-se principalmente de técnicas psicológicas para que isso aconteça. As técnicas psicológicas, muito bem explicitadas na obra cinematográfica por Natalie (jovem especialista em psicologia, contratada para implementar os processos demissionários através de vídeo-conferências), derivam da tensa história entre a psicologia e o liberalismo.

---

<sup>5</sup> O termo *ética protestante* origina-se do livro de Max Weber intitulado *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. O livro parte da premissa de que as ideias puritanas influenciaram o desenvolvimento do capitalismo.

As primeiras construções oriundas da psicologia aplicada surgiram no campo do trabalho assalariado para atender as demandas da sociedade industrial; as ferramentas utilizadas para seleção de pessoal eram compatíveis aos interesses de exploração humana adotados pela classe de poder atuante. A Psicologia foi convocada para selecionar o operário com perfil correto para um cargo específico, pois assim seria possível explorar a força de trabalho ao máximo e garantir o lucro necessário ao contratante. Apenas em um segundo momento é que a Psicologia começou a contribuir para criação de uma série de novos saberes e técnicas que objetivavam lutar contra a dominação presente no sistema (Figueiredo, 2007).

O sistema liberal demanda cada vez mais por uma produção de egos eficientes, empreendedores, de corpos dóceis que se sujeitem aos comandos no controle do trabalho. Paradoxalmente, observamos acentuadamente a incidência de sintomas como a procrastinação no comportamento das pessoas. O sistema de governança traduz esse sintoma como ineficiência, já a psicanálise, pergunta se tal comportamento poderia ser uma forma de resistir a essa criação de um sujeito eficiente exageradamente demandado pelo sistema liberal.

Para dialogar com esse aspecto damos ênfase ao conceito de *responsabilidade* que é a base do sistema moral e jurídico implantado atualmente. A *responsabilidade* apaga muito a condição política do ser humano, isso fica claro, diante da culpa que o sujeito sente diante do desemprego. No romance as pessoas que estão sendo dispensadas perguntam desesperadamente pelos motivos que ocasionaram sua exclusão: *eu não trabalhei o suficiente, eu não sou treinado suficiente, eu trabalhei errado?* Ryan, não tem resposta, fica calado, porque em momento algum é colocada a questão própria do capitalismo que é a exclusão de uma parcela considerável dos trabalhadores, a "mão de obra barata", o "exército reserva", a "auto-regulação". O "sistema" aponta para a *responsabilidade* do sujeito, mas jamais para o sadismo cruel desse mesmo "sistema" sem soberano ou para o masoquismo moral desse trabalhador bem disciplinado.



#### 4. MASOQUISMO, CULPA E CAPITALISMO

←

Estamos investigando esse problema da moral, indagamo-nos como aparece o superego, como a moral é subjetivada... e de repente percebemos que o problema ético "número um" que se coloca ao nível desse superego e desse ideal do ego é o da posição sexual.<sup>6</sup>

←

←

No texto intitulado *Psicologia de Grupo e Análise do Ego*, de 1921, Freud explica a psicologia dos grupos com base em alterações na psicologia da mente individual. Ele inicia o artigo apontando a semelhança entre ambas, além de recorrer ao trabalho de Le Bon, *Psychologie des Foules*.

A psicologia individual investiga as formas encontradas pelo homem para satisfação de suas pulsões; leva em consideração que esse homem é um ser social. Pode-se pensar que exista uma diferença entre os fenômenos sociais e os processos narcisistas, no entanto, o primeiro expressa a satisfação da pulsão que é retirada da influência de outras pessoas e o segundo expressa a satisfação da pulsão que é parcial. Freud chegou até mesmo a cogitar a existência insuscetível de dissociação no ser humano de uma pulsão social. Ele afirma que *é a observação das alterações nas reações do indivíduo que fornece à psicologia de grupo seu material* (Freud, 1921, p. 83), ou seja, os fenômenos dos grupos podem ser elucidados se estudarmos o indivíduo e vice-versa. É a observação das alterações do indivíduo que fornece à psicologia de grupo seu material, assim, entender algumas nuances do comportamento sadomasoquista<sup>7</sup> de Ryan nos auxiliará na compreensão de alguns sintomas apresentados

---

<sup>6</sup> Laplanche, 1998, p. 329.

<sup>7</sup> Freud, nos *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, nos diz que cada perversão comporta sempre elementos do seu oposto, uma vez que um sádico por exemplo, será sempre um masoquista independentemente do lado ativo predominar e vice-versa. Já Laplanche, entende o sadomasoquismo como uma complementaridade, uma permutabilidade das posições sádica e masoquista - pelo menos na fantasia: *o sadomasoquismo, não enquanto par de pessoas reais, não enquanto par de perversos, mas enquanto par fantasmático, é totalmente complementar e indissociável* (Laplanche, 1998, p. 274).

pela sociedade capitalista no mundo contemporâneo. Belo também é favorável a essa argumentação:

← Como diz Freud, o que vale para psicologia individual, vale em grande medida, para psicologia social. Se os pacientes fazem associações absurdas é para não saber de alguma coisa que temem, não conseguem ou simplesmente não desejam saber. O sintoma é uma forma sofisticada, porém malograda de se esconder algo de si mesmo. Ao invés de esconder o sentido, ele o revela de forma absurda. Isso não é por acaso: muito do que projetamos nos outros ou que nos engaja em diversas outras formas de autodesconhecimento relaciona-se com a influência das outras pessoas na constituição de nossa subjetividade e, acima de tudo na constituição sexual (Belo, 2002, p. 4-5).

E é exatamente a questão sexual do masoquismo e da culpa, colocados em movimento no jogo econômico, que a história de *Amor Sem Escalas* aborda. Nesta obra os sintomas, tanto sociais como individuais, tornam-se constantes respostas ao modelo de eficiência imposto pelo capitalismo.

Bingham, interpretado no filme por George Clooney, trabalha em uma empresa especializada apenas em processos demissionários e é um funcionário experiente dentro de seu ramo. Em cada viagem, ele é breve e tem um único contato com o trabalhador que será dispensado - apesar de analisar rapidamente o histórico pessoal deste último, para obter informações estratégicas que o favoreçam no momento de comunicar a indisponibilidade de determinado cargo. Para facilitar a dispensa Clooney "joga" com a trágica realidade dos fatos, ele inverte o discurso da ordem natural do sistema econômico, dizendo que o momento aparentemente desfavorável da demissão pode ser uma oportunidade para que a pessoa siga realmente suas vontades, seus sonhos e seus desejos - que supostamente foram encobertos pela necessidade de adaptar-se na luta pela sobrevivência financeira dentro do mundo moderno.

As atitudes do protagonista induzem o expectador a observar uma aparente frieza e indiferença nos comportamentos desse personagem. No entanto, será que essa insensibilidade poderia também estar relacionada com uma recusa do masoquismo moral que reveste mui-

tas relações expressas pelo capitalismo? Para que possamos pensar sobre essas questões com maior clareza é importante lembrar dos ensinamentos de Freud no artigo de 1924, "O Problema Econômico do Masoquismo".

Para Freud, a libido enfrenta a pulsão de morte tentando torná-la inofensiva ao desviá-la para fora, no sentido do mundo externo. A partir disso, essa pulsão de morte pode ser designada como pulsão destruidora, de domínio ou vontade de poder, sendo que uma parte dessa pulsão é colocada diretamente a serviço da função sexual - esse seria o sadismo propriamente dito. É o que em um primeiro momento aparenta a atitude de Ryan ao colocar-se no "céu" para promover o desamparo do outro:

← A maioria das pessoas acha que nós somos chamados para demitir os outros, ou que encontramos novos empregos para quem despedimos. Não é nada disso. Nosso trabalho é fazer a sarjeta ficar mais aceitável, transportar almas feridas através de um rio de tristeza, humilhação e dúvidas sobre o próprio valor, até o ponto em que possa divisar novas esperanças na margem, ainda que muito levemente, e então mandar o barco parar e dizê-los que eles podem ir nadando, enquanto navegamos de volta ao palácio de onde foram banidos para apresentar a conta aos nobres senhores. Não oferecemos nenhuma garantia aos nadadores, nenhuma promessa, apenas gritos de incentivo. "Vá em frente! Muito bem!" Nós chegamos ao nosso atracadouro antes de eles chegarem ao seu e não ficamos olhando para trás a fim de ver como eles estão indo, embora eles olhem para nós repetidas vezes (Kirn, 2010, p.240).

Contudo, no final do romance ele sucumbe a uma pesada drogadição e então sua passividade fica explícita diante de um consumo abusivo de ansiolíticos, antidepressivos e bebidas alcoólicas. Sandy, um conhecido de Ryan, foi uma das poucas pessoas capazes de enxergar essa dinâmica; ao conversar com o colega ele diz: *Em seus seminários, você fala da importância de assumir responsabilidades. E isso soa mais como passividade.* (Kirn, 2010, p.166).

Um dos problemas apontados por Freud para abordar o masoquismo foi a passividade. Através de suas observações o masoquismo apresenta-se de três formas: erógeno, feminino e moral. Do masoquismo primário ou erógeno derivam as outras duas formas. Para falar do

masoquismo feminino, Freud recorre ao material clínico que tem disponível, sobretudo retratando essa característica em homens masoquistas, amiúde impotentes - cujas fantasias se concluem por ato masturbatório ou representam uma satisfação sexual em si próprias. Nesses dois casos os desempenhos são somente uma execução das fantasias presentes onde o conteúdo manifesto é o sofrimento. A interpretação freudiana desse acontecimento é a de que o masoquista deseja ser tratado como uma criança pequena e travessa que está desamparada. A elaboração de algumas dessas fantasias sugere que o indivíduo que as tem seja colocado em uma situação caracteristicamente feminina, ou seja, ser castrado, copulado ou dar à luz uma criança (várias dessas características apontam também para vida infantil). Um sentimento de culpa também encontra expressão no conteúdo manifesto das fantasias masoquistas e sofre uma modificação que desembocará no masoquismo moral.

Um sentimento inconsciente de culpa sugere uma necessidade de punição às mãos de um poder paterno e o conteúdo oculto do masoquismo moral então torna-se compreensível psicanaliticamente: o desejo de ser espancado pelo pai nas fantasias está muito próximo do desejo de ter uma relação sexual passiva (feminina) com ele, ou seja, uma deformação regressiva da primeira fantasia.

A consciência e a moralidade surgiram através da superação e dessexualização do Complexo de Édipo e quando o masoquismo moral começa a operar podemos observar uma regressão porque mais uma vez essa moralidade torna-se sexualizada e o Complexo de Édipo é revivido. Tal fato vem acompanhado de situações muito desfavoráveis para o indivíduo. Mesmo com o senso ético sendo preservado, corre-se o risco de obscurecer parte da consciência em detrimento do masoquismo. Dessa maneira, as ações pecaminosas, criadas constantemente pelo masoquista deveriam ser punidas pelas censuras da consciência sádica. E é essa consciência sádica, na obra de Walter Kirn, que atormentava Ryan e o fazia sentir-se culpado pelos pecados profissionais cometidos.

Freud nos esclarece um pouco sobre o funcionamento da culpa e das fantasias em seu artigo "Uma Criança é Espancada" onde a análise construída por recordações até o período primitivo das fantasias de espancamento mostra a criança envolvida nas agitações do seu complexo parental. Na primeira fase da fantasia onde o pai bate na criança odiada, essa idéia é recebida e envolvida por uma sensação agradável.

Quando a vida sexual da criança já atingiu o estágio de organização genital e seu amor incestuoso conseguiu uma prematura escolha objetal ela terá que recapitulá-la a partir da repressão. Desta forma, a fantasia partirá para segunda etapa, onde a criança se colocará como sofredora da punição paterna, sendo neste caso expresso o sentimento de culpa e tendo a fantasia papel punitivo. Observa-se na terceira fase do desenvolvimento da fantasia uma substituição do sujeito e do pai por outros personagens como uma tentativa de mascarar a essência da fantasia aparentemente sádica. Só sua forma é sádica, pois, *a satisfação proveniente dela assumiu a catexia libidinal da porção reprimida e, ao mesmo tempo, o sentimento de culpa que está ligado ao conteúdo daquela porção* (Freud, 1919, p.206). Os personagens que representam a criança espancada nada mais são do que os substitutos da própria criança.

Para Laplanche (1998), o sentimento de culpa está atrelado a psicanálise quando esta nos fala sobre o impacto subjetivo da moral, ou seja, do principal fator de recalque. Na existência do desprazer e do conflito possivelmente encontraremos o mecanismo do recalque. *O sentimento moral, para psicanálise, não é o respeito nem a reverência, ainda menos a aspiração, mas a culpabilidade e sua repercussão subjetiva, o "sentimento de culpa"* (Laplanche, 1998, p. 253). O conflito moral encobre a luta cruel em que o castigo supremo está invariavelmente associado ao gozo supremo. Resumidamente, os sentimentos de culpabilidade ou insuficiência moral situam-se próximos do ideal do ego e os sentimentos de inferioridade, próximos do ego ideal.

Observamos na trama que a permanência no "jogo econômico" coloca em movimento a questão sexual do masoquismo vivida por Ryan, afinal, a drogadição tem a ver com uma certa passividade e anestesia do mundo. Provavelmente, a suposta insensibilidade do personagem pode estar relacionada com a recusa de seu masoquismo, da mesma maneira que a procrastinação pode colidir com a recusa do homem moderno multifacetado e altamente produtivo. É exatamente o que o liberalismo demanda: a submissão exaustiva ao jogo do mercado, que por sua vez gera uma hiperatividade tão exacerbada que acaba por tornar-se passiva diante do dinheiro, dos ideais, do trabalho e do modelo econômico como um todo.

Para Freud (1914), o perigo do masoquismo moral está no fato dele nascer da pulsão de morte e corresponder à parte dessa pulsão que escapa de ser direcionada para fora transposta sobre a forma de pulsão destrutiva. Essa pulsão fusionada possui a significação de um componente erótico, sendo que a própria destruição de si mesmo pelo indivíduo não pode acontecer sem uma satisfação libidinal - no caso de Ryan, o prazer experimentado pelas drogas.

## 5. CONCLUSÃO

←

E a ideia de procurar abrigo em toda essa bagunça me parece uma piada.<sup>8</sup>

Sugere-se, na obra cinematográfica, que a crise apontada na história refere-se à norte-americana de 2007, momento das demissões em massa e do "crash" na economia global provocada pelo declínio imobiliário das hipotecas. É muito importante ressaltar essa analo-

---

<sup>8</sup> Pensamento de Ryan no livro *Amor Sem Escalas* (Kirn, 2010, p. 42).

gia da crise imobiliária com a metáfora que pretende nos mostrar o filme: a sociedade passa por uma crise de referências sólidas, o que a simbologia da imagem de uma casa ou de um lar podem representar.

A história aponta os reflexos do capitalismo nas relações individuais e coletivas, além de apresentar inúmeras variações do comportamento sadomasoquista em diferentes contextos. Sabemos que no mundo contemporâneo os mecanismos de exploração e controle são muito mais sutis (disfarçados pelo discurso da liberdade), mas não menos eficientes do que aqueles vistos em outros períodos de nossa civilização - por exemplo na Idade Média, onde quem nascia servo era explorado pelos senhores e não podia fazer nada contra o seu destino. Ao acompanharmos algumas análises da história da civilização ocidental, temos em um primeiro momento, a impressão de que, a partir da modernidade o homem se tornou mais livre e se souber aproveitar as oportunidades que aparecem em seu caminho poderá, ao contrário dos seus antepassados da Idade Média, ter mais controle sobre sua vida e ser liberto das relações sociais opressoras. No entanto, um olhar mais cuidadoso nos revela outra realidade: os jogos de poder e interesse permanecem e o ser humano continua explorando e usando seu semelhante como objeto de satisfação. O que mudou foram os mecanismos e justificativas para que tais abusos pudessem acontecer. Podemos ver isto no filme através do procedimento de exclusão aplicado como técnica: algo padronizado, sistematizado, que não levava em consideração o vínculo, a história de vida e a contribuição de cada funcionário para o desenvolvimento da empresa. A promessa de realocamento no mercado de trabalho - uma "fachada", para fingir atender a proteção institucional ao cidadão trabalhador e evitar processos judiciais futuros. Essa violência que se apresenta implícita na relação empregador/empregado talvez apresente-se mais cruel do que a relação exploratória explícita dos períodos de colonização e barbárie. É uma violência que não é falada mas é constantemente atuada, sustentando-se pela justificativa racional e diplomática.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BELO, Fábio Roberto Rodrigues. *Virginia: entre o social e o subjetivo*. Inédito. 2002.  
Disponível em <[fabiobelo.com.br/virginia.pdf](http://fabiobelo.com.br/virginia.pdf)>

CLIFFORD, J; DUBIECKI, D; REITMAN J; REITMAN Jeffrey. *Up In The Air*. [Filme].  
Produção de Daniel Dubiecki, Ivan Reitman, Jason Reitman e Jeffrey Clifford, direção de  
Jason Reitman. Estados Unidos , 2009. DVD, 109 minutos. Gênero: Comédia, Romance,  
Drama.



FIGUEIREDO, Luís Claudio Mendonça. *A invenção do psicológico: quatro séculos de subjetivação (1500 – 1900)*. 7. ed. São Paulo: Escuta, 2007.

FOUCAULT, Michel. *Segurança, Território, População*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FREUD, Sigmund. [1893] Estudos sobre a histeria. v. 02, da *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro, Imago, 1996. Trad. Jayme Salomão.

\_\_\_\_\_ [1905] Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade. V. 07, idem.

\_\_\_\_\_ [1914] O problema econômico do masoquismo. V. 21, idem.

\_\_\_\_\_ [1919] Bate-se em um criança. V. 17, idem.

\_\_\_\_\_ [1921] Psicologia de grupo e análise do ego. V. 18, idem.

KIRN, Walter. *Amor Sem Escalas*. Tradução de Gabriel Zide Neto. Rio de Janeiro: Record, 2010. Título original: *Up In The Air*.

LAPLANCHE, Jean. *A Angústia*. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SOUZA, Jessé. *A Ética Protestante e a Ideologia do Atraso Brasileiro*. Revista Brasileira de Ciências Sociais. São Paulo, v.13, nº 38, out. 1998.